

**VISITANDO MUSEUS E GALERIAS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE
MONUMENTO E PATRIMÔNIO SOB O OLHAR DA MUSEOLOGIA E DA SEMIÓTICA**
*VISITING MUSEUMS AND GALLERIES: BRIEF CONSIDERATIONS ON MONUMENTS
AND HERITAGE UNDER THE VIEW OF MUSEOLOGY AND SEMIOTICS*

Agostinho Vieira Neto¹

111

Uma pequena introdução

No meu trabalho final de Mestrado (Dissertação), apresentado em 1996, fiz, numa última abordagem, algumas considerações pertinentes a Patrimônio e Monumento, tendo em vista a abordagem daquele trabalho: a cidade de Vila Rica/Ouro Preto, um Monumento e Patrimônio Histórico.

A própria dualidade nos nomes da cidade, Vila Rica/Ouro Preto, já indiciava a necessidade de se estabelecer bases para a noção de Monumento e Patrimônio, vistos, agora, em suas diferenças, aproximações e, ainda, sob um enfoque semiótico.

Para as bases bibliográficas deste artigo, agenciei Jacques Le Goff, em sua obra “História e Memória”, especificamente no capítulo Documento/Monumento, bem como Lúcia Santaella, que faz uma releitura de Charles Sanders Spencer, na obra “Semiótica Aplicada”.

Tais obras de apoio teórico apresentam pontos convergentes que dialogam com a questão Monumento/Documento/Patrimônio e os signos (objeto da semiótica), ampliando o objetivo principal do presente artigo : sugerir ao leitor mais um ângulo na visão do complexo museológico e cultural que se constrói não só nesta cidade, como também em muitas outras do nosso País e do mundo.

¹ Possui mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1996). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, literatura e educação.

MUSEU, MONUMENTO E PATRIMÔNIO – Revisitando nomenclaturas e alguns conceitos básicos

Como consta em muitas bibliografias encontradas a respeito do assunto “Museu, Museologia”, os conceitos específicos de Museu abrangem as noções de Monumento e Patrimônio, que se ampliam em Galerias de Arte, Centros de Ciências, de Mineralogia, Planetários, Sítios Arqueológicos, Museus Naturais, Etnográficos, Parques Naturais, Centros Culturais, dentre muitos outros.

A leitura da obra de Jacques Le Golf, leva a um aprofundamento da questão, quando o autor aponta para as raízes latinas de “Monumento” e “Patrimônio”.

Neste sentido, ele sublinha os elementos “mentum”, de Monumento (mente, memória) e “monere” “monium”, “moniu” de Patrimônio (fazer permanente, conservar, guardar) que integram tais vocábulos, apontando, no primeiro, a questão da memória coletiva guardada e conservada nos Monumentos; já no segundo vocábulo, a releitura de Le Golf por Jean-Pierre Jeudy (Memórias do Social) coloca o Patrimônio na complementaridade do primeiro. Com isso, embora se juntem à denominação geral de Museus, os dois vocábulos se apresentam com diferenças predominantes em cada um dos seus sentidos mais específicos.

Assim, no Monumento prevalece uma visão mais diacrônica do objeto “Museu/Monumento”, já que o ‘olhar do observador’ pode tender, num primeiro momento, a se fixar nos fatos de caráter histórico, social e cultural do passado. Em tal modo de perceber, o objeto “Vila/Cidade” torna-se estático, cristalizado nesta ‘viagem’ do imaginário, que se exaure ali, nas marcas que lhe foram atribuídas pela história.

Já o segundo, o Patrimônio, na visão de Le Golf, surge na crise de exaustão do Monumento e, por isso, se expande numa visão sincrônica que abre ao observador possibilidades de novas leituras e novas interpretações, dentro de uma ‘pulsão criativa’ muito em voga, com os meios mais avançados e contextualizados da comunicação dos dias atuais, estimulados

pelas tecnologias, em seu enorme complexo de imagens, sons, hipermídias, hipertextos, e muitos outros recursos inspirados nas inovações tecnológicas permanentes.

Não deixa de ser interessante, neste sentido, o fato de que o Patrimônio apresenta-se, muitas vezes, bivalente na condução de nossos olhares. Veja-se como exemplos, dentre muitos outros, cidades como Ouro Preto, Brasília, Diamantina, Olinda, Belo Horizonte (Conjunto Moderno da Pampulha) consideradas Patrimônio da Humanidade. A bivalência dos olhares sobre tais Patrimônios consiste exatamente na junção de perspectivas do Monumento que contêm marcas do passado histórico, social e cultural ali presentes, adicionados a um olhar sincrônico, pois que integram também olhares mais contemporâneos incidentes através dos recursos tecnológicos atuais, abrindo-se para eventos, como Carnaval, Shows Musicais, expressões imagéticas, sonoras e visuais. Só para citar alguns exemplos, a Festa Carnavalesca e outros eventos ligados à música, como shows, serenatas que se realizam em Olinda, Diamantina, Ouro Preto nos seus respectivos Centros Históricos, permitem ao expectador e ao participante integrarem-se tanto ao Monumento quanto ao Patrimônio, por uma mágica 'simbiose', onde as imagens/sensações das Histórias locais e do País nelas impregnadas são atualizadas e perpassadas por um olhar sobre a atualidade, traduzido nas manifestações artísticas e até mesmo pelas tecnologias avançadas em uso (sons, cores, imagens em movimento e fixas, hipermídia) que tais espaços recebem.

A SEMIÓTICA PEIRCEANA – alguns conceitos elementares

Retomando a questão de Museu, Monumento e Patrimônio sob a perspectiva semiótica, é importante, antes de mais nada, retomarmos alguns conceitos básicos dessa "Ciência Semiótica ligada à quase-ciência da Fenomenologia.

Seguindo as pegadas de SANTAELLA (2002), pode-se perceber que a Semiótica Peirceana é concebida como ciência de caráter geral e abstrato, integrando o grupo das chamadas ciências normativas, como a estética, a ética e a lógica. A Semiótica apresenta-se com três ramos nos processos do pensamento, que também podem ser chamados de *semiose*, a saber : 1º - a *gramática especulativa*, onde são identificadas possibilidades de significação do objeto focalizado pelo observador, seja ele um objeto concreto ou mesmo um

pensamento abstrato, como uma sensação. Está se formando aí o *objeto imediato* que deflagra o processo de busca de sentido, de significação; 2º - a *lógica crítica*, que se refere aos modos de condução do pensamento, como inferências, raciocínios, através da abdução, indução e dedução. Configura-se nesta *semiose* movimentação mais dinâmica do pensamento, tanto assim é o significante em foco passa a ser *objeto dinâmico*. O 3º ramo é o da *retórica especulativa*, que analisa métodos utilizados na origem dos raciocínios. Neste ponto, o objeto já se define mais claramente no pensamento observador. A *retórica especulativa* dá ao objeto a condição de signo e seu observador torna-se o *intérprete*, uma vez que, ao se tornar 'signo', o objeto finalmente recebe a sua significação e, de certa forma, comporá uma cadeia enorme, indefinida e incalculável de signos.

Como Ciência geral dos signos, a Semiótica, através de sua gramática especulativa, volta-se para o descrever/analisar o processo existente em signos verbais, não verbais, como : fala, escrita, gestos, sons, imagens fixas e em movimento, audio, hipermídia, hipertexto, dentre muitos outros.

Por sua vez, os signos se estabelecem em estágios, quais sejam: *Primeiridade* – onde é visto sob o olhar de suas possibilidades de significação, sua originalidade; *Secundidade* – onde o signo passa pelo processo de dependência, comparação, determinação, ação e reação; e *Terceiridade* – ocorre quando o signo conduz a idéia de continuidade, crescimento e inteligência; neste estágio aparece o intérprete do signo. Mas mesmo nele, o intérprete aparece como 'dinâmico' e não como intérprete final. O INTÉRPRETE FINAL seria a situação IDEAL que, para nós mortais, ainda é algo INATINGÍVEL, pois que ele supõe a LEITURA COMPLETA DO SIGNO EM TODA A SUA SIGNIFICAÇÃO. E isto, definitivamente, não CABE NA MENTE HUMANA. É oportuno dizer que os outros estágios – *Primeiridade*, *Secundidade* apresentam-se como OBJETOS DINÂMICOS, ou seja, deflagram no observador, nos seus primeiros contatos com o SIGNO, uma postura de possibilidades de significação e comparação. São chamados de OBJETO DINÂMICO, pois a nossa mente inicia o trabalho de 'decodificar, de traduzir o SIGNO.

Com este pequeno suporte teórico, é possível entendermos melhor a atuação dos signos que se nos apresentam nos museus.

De uma forma geral, os museus, dentre muitas outras coisas, guardam imagens (quadros, estatuetas, símbolos nacionais, retratos oficiais, reproduções em desenhos), objetos os mais diversificados, passando de objetos públicos (estátuas, estatuetas, objetos-símbolos, como bandeiras, brasões) a objetos particulares de personagens históricos (objetos pessoais e familiares). Tais coisas se constituem em SIGNOS que ali se apresentam à espera de nossas sensações, pensamentos, reflexões, o que vem a se constituir nos estágios de uma *semiose*

Assim, os objetos museológicos, à luz da semiótica, perfazem na mente do observador os estágios acima referidos. Na verdade, são os caminhos percorridos pelo pensamento, pelas sensações diante dos objetos apresentados. (lembrar o filme e passagens do BC)

Concluindo este artigo, apresento dois exemplos que podem aclarar o breve conteúdo teórico em torno da Semiótica. Para tanto, recorro a duas obras que tiveram como referência pontos históricos da cidade de Ouro Preto. Vamos a elas:

1ª – A obra “O Grande Mentecapto”, romance de Fernando Sabino, foi, posteriormente, transformado em filme com o mesmo título. Pois bem, à luz da Semiótica, podemos notar que o ‘signo romance’, através de uma releitura, constituiu um filme cuja linguagem em si já mostra a evolução do ‘objeto dinâmico’ romance. Não é difícil perceber o ‘pulso’ de criação do roteirista do filme que afinal torna-se um novo *intérprete do signo*, na medida em que pela arte cinematográfica presentifica-se uma linguagem própria, onde imagens e falas das personagens se completam para focalizarem o Museu da Inconfidência (Monumento), recriando-o com ‘toques’ humorísticos dessacralizadores, inovadores, considerando-se que o ‘novo’ olhar sobre este objeto, torna-se um novo signo. Há que considerar-se, aqui que, tanto o romance quanto o filme apresentam essa ‘nova abordagem’ de um objeto/signo que inovam e dessacralizam o signo do Monumento ‘cultuado nos altares da História do passado’.

2ª – Em outra obra literária, “Boca de Chafariz”, romance de Rui Mourão, novamente verifica-se uma ação da *semiose* em torno de outro Monumento em Ouro Preto, conforme o fragmento a seguir:

“(...) seguia-se logo para a Casa de Tomaz Antônio Gonzaga, onde os estudantes desenvolviam a paródia do Museu da Inconfidência. Numa exposição que crescia sem cessar, uma Cama patente, de molas quebradas, era apresentada pela Etiqueta: Catre em que morreu Tiradentes, atacado de moléstia venérea de natureza grave. (...)”

Os signos ‘catre’ e ‘moléstia venérea’ inovam e contrariam os fatos históricos representados neste Monumento, numa atitude parodística, nela sobressaindo o ‘olhar humorístico e dessacralizador’. A figura de Tiradentes, ‘herói nacional’, é recriada através de ‘signos do humor’, neles perpassando as sensações hilariantes e, até, num primeiro momento, impactantes. A evolução do objeto dinâmico para a interpretação deste novo signo altera radicalmente a nossa percepção do objeto em foco. A própria descrição do ‘falso’ catre (ora transformado em ‘cama patente’) já nos ajuda a perceber a ‘quebra’ do conceito sagrado conferido não só à Casa de Tomaz Antônio Gonzaga, mas se estende, significativamente, a Tiradentes, que passa ser o ‘foco de tal paródia’.

Como afirmei no texto de introdução, o escopo das considerações levadas neste artigo é tão-somente o de oferecer aos ‘leitores em potencial’ uma forma a mais de redimensionar seus olhares sobre obras de arte e demais objetos apresentados na diversidade museológica que compõe nossa cultura.

Referências Bibliográficas

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In Enciclopédia Einaldi :

História e memória. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984. V.1
SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.111-117,jan/jul. 2023.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.